

## USO DE DROGAS E SEUS DESAFIOS NA EDUCAÇÃO INFORMAL

Tereza Maria da Silva Ferreira - UFC  
Doutoranda em Educação Brasileira pela Universidade Federal do Ceará.  
terezaceifa@hotmail.com

Natalia da Silva Quintela - UECE  
Graduanda em Letras pela Universidade Estadual do Ceará.  
natalia.quintela@yahoo.com

### RESUMO

O presente artigo objetiva-se relacionar conceitos e definições já existentes do que sejam drogas, como também os conceitos moldados culturalmente pela sociedade. Partindo das concepções de uma pesquisa qualitativa de cunho etnográfico através de revisão bibliográfica. A pesquisa parte das implicações históricas e socioculturais que envolvem esse uso. Para isso, nos embasamos nos seguintes questionamentos: que contextos socioculturais favorecem o uso de drogas psicoativas na contemporaneidade? Que situações estão relacionadas esse uso? Que práticas educativas informais e culturais são vivenciadas? Fez-se necessário para o entendimento desse estudo esclarecer o que é educação e suas distinções entre os vários tipos de educações existentes. Tendo em vista o entendimento dos problemas proposto direcionado por abordagens, teorias e conceitos de acordo com as definições do trabalho em quatro momentos: Definições e classificações das drogas segundo sua forma, efeitos, tipos e explicações históricas sobre o percurso as drogas na sociedade; características ligadas ao consumismo e hedonismo, citando os diferentes modos, maneiras e estilos de uso destas substâncias e por fim, levantaremos algumas implicações socioculturais que envolvem a cultura do uso, abuso e dependência de substâncias psicoativas na contemporaneidade. Através dos resultados de discussões percebe-se que se faz necessário a junção da família com a escola, além do apoio do Estado trabalhando com um tripé de combate ao uso de drogas, visto que é no âmbito destas duas instâncias (família e escola) que se encontra o maior contingente de jovens (crianças e adolescentes).

**Palavras-chave:** Drogas. Educação informal. Práticas culturais.

### INTRODUÇÃO

Fenômeno que acompanha o homem desde a antiguidade, as substâncias psicoativas veem sofrendo diversas transformações ao longo do tempo, principalmente na cultura do uso. Essas substâncias agem no cérebro modificando o seu funcionamento, alterando o comportamento e o estado de consciência dos indivíduos. Num comparativo entre passado e presente, verifica-se que antigamente o uso dessas substâncias psicoativas era sinônimo de algo “esquisito”, “diferente”, “raro” e, além disso, tinha um poder de fascinação. Hoje o que predomina é o caráter de política proibicionista que modulou o uso de substâncias psicoativas na contemporaneidade, além de uma grande rede do narcotráfico de mercadoria ilícita que já contamina praticamente toda a sociedade brasileira levando a dependência química, o que

constitui hoje um grande problema sociocultural, ultrapassando os meros aspectos legais, jurídicos e de saúde, sendo um problema característico da sociedade contemporânea.

Objetivamos analisar de que forma o fenômeno das drogas está relacionado às diferentes práticas educativas e expressões de questões culturais da contemporaneidade, levando em conta os desafios enfrentados na educação informal.

A pesquisa parte das implicações históricas e socioculturais que envolvem esse uso. Para isso, nos embasamos nas seguintes perguntas: que contextos socioculturais favorecem o uso de drogas psicoativas na contemporaneidade? Que situações estão relacionadas esse uso? Que práticas educativas informais e culturais são vivenciadas? Torna-se necessário para o entendimento desse estudo esclarecer o que é educação e suas distinções entre os vários tipos de educações existentes.

A educação é fundamental para que os indivíduos tenham acesso ao conjunto de bens e serviços disponíveis na sociedade. Ela é um direito de todo ser humano como condição necessária para ele usufruir de outros direitos constituídos numa sociedade democrática. É sabido que a educação não está restrita apenas ao âmbito escolar, mas em todos os momentos e lugares diferenciados. É importante destacar os modelos de educação existentes: a educação formal, aquela altamente institucionalizada, estruturada, hierarquizada; a educação não-formal, que consiste em toda a atividade organizada e sistemática realizada fora do quadro do sistema formal de educação e, por último, a educação informal, trata-se por um processo pelo qual, durante toda a vida, as pessoas adquirem e acumulam conhecimentos através de suas vivências e de sua relação com o ambiente em que vivem. Esse estudo nos possibilitará o questionamento da importância e das dificuldades de um saber educacional informal a partir das perspectivas antropológicas com um estudo aprofundado do ser humano.

Nesse contexto, utilizamos como procedimento metodológico uma pesquisa bibliográfica a qual nos proporcionou suporte para a discussão das questões aqui abordadas.

Primeiramente trataremos sobre as definições e classificações das drogas segundo sua forma, efeitos e tipos. Em seguida teremos como foco para esse estudo algumas explicações históricas sobre o percurso as drogas na sociedade.

Em uma segunda fase apresentamos algumas características ligadas ao consumismo e ao hedonismo, citando suas práticas educativas e culturais ligadas aos diferentes modos, maneiras e estilos de uso destas substâncias também na atualidade.

E por fim, levantaremos algumas implicações socioculturais que envolvem a cultura do uso, abuso e dependência de substâncias psicoativas na contemporaneidade, Os desafios enfrentados pela educação informal na prevenção e no combate as drogas.

## **O que são drogas?**

Se questionássemos algumas pessoas sobre o conceito de droga, a grande maioria das pessoas responderia através de exemplos e não de conceitos ou critérios talvez por ser um conceito complexo. Aprendemos desde cedo com a família e na escola que o uso de drogas é proibido, que elas destroem lares tornando-se até mesmo letal. Somos alertados sobre as consequências negativas desse uso, que sua comercialização é crime. Esses termos estão sempre ligados à maconha, lança-perfume, à cocaína, à heroína e ao crack. A Organização Mundial de Saúde (OMS) define as drogas como substâncias “que afetam a mente e os processos mentais”, ou seja, droga é tudo que mexe com o cérebro. Por tanto, incluindo nesse meio o tabaco e o álcool que são hoje substâncias legalizadas.

O uso de substâncias que alteram o estado de consciência é um fenômeno que acompanha o homem há muito tempo, para finalidades de natureza curativa, religiosa e lúdica, transformando-se dentro do tempo e da cultura as várias formas de seu uso. Essa temática traz uma discussão sobre o que realmente entendemos por droga e, além disso, nos traz questionamentos no que diz respeito aos mitos e verdades e os desafios para a educação informal.

Após o exposto da problemática que envolve está pesquisa, é de suma importância que seja apresentado uma concepção sobre as drogas que ajude o leitor a pensar um pouco mais sobre o assunto partindo de diferentes focos. Focando esse objetivo, segue as principais considerações sobre drogas, a partir do aparato realizado pelo jornalista Tarso Araújo, que como ele mesmo se intitula em seu livro “Almanaque das drogas” (2012), ser um viciado no debate sobre drogas. Na busca de resposta a nossa pergunta inicial “o que você entende por droga?” ele explica:

A definição mais ampla, fornecida por farmacologistas, considera droga “qualquer substância capaz de alterar o funcionamento normal de qualquer organismo”. É a interpretação mais semelhante à dos gregos antigos, que usavam a palavra *phármakon* tanto para remédio como para veneno. Eles entendiam que nenhuma substância é boa ou má em si. O uso que se faz dela é que ditará suas consequências. Essa interpretação considera que a maconha e cocaína são drogas, da mesma forma

que a Aspirina e até o chá de camomila que você bebe para dormir melhor (ARAÚJO, 2012. Pág. 14).

Para algumas pessoas os remédios não estão nomeados como drogas, elas consideram que droga seja “qualquer substância que proporciona a sensação de barato”, onde tecnicamente essa definição equivale a um grupo a parte de drogas que são chamadas de substâncias psicotrópicas ou psicoativas. Esse é o significado assumido no contexto internacional de controle de drogas, em que o álcool, tabaco e a cafeína não são mencionados nesse meio, por se tratar de drogas lícitas. Mas, é importante conhecermos inicialmente melhor alguns termos, classificações e seus possíveis significados.

Para Araújo (2012), em seu livro, considera “droga” sinônimo de substância psicoativa capaz de alterar o comportamento e/ou percepção independente de sua condição legal. Quanto sua classificação, o autor trata segundo sua forma em drogas naturais, sintéticas e semissintéticas, quanto os seus efeitos em estimulantes, depressoras e perturbadoras.

As drogas, antiguidade, eram consideradas naturais, como por exemplo, o cogumelo alucinógeno *Amanita muscaria* e das flores e folhas do topo da planta fêmea de *Cannabis sativa*. com o desenvolvimento da química moderna, por volta do século XIX, foi possível extrair e purificar as moléculas dos produtos naturais responsáveis por seus efeitos psicoativos, como é o caso da morfina, do ópio e da cocaína. Já as drogas sintéticas que são feitas totalmente em laboratório, possuem efeitos semelhantes com as substâncias produzidas em nosso corpo. Por exemplo, a molécula de anfetamina, semelhante ao efeito da dopamina que funciona como um importante mensageiro para os neurônios, tendo como diferença apenas dois átomos de oxigênio a menos em sua estrutura molecular. As drogas sintéticas, além de imitarem as naturais, também possibilitam meios de fabricação mais barato.

Araújo (2012) sobre as drogas sintéticas, diz o seguinte:

Essa classificação leva em conta o método de fabricação, ela pode variar se a substância tiver mais de uma maneira de ser preparada, a cocaína, por exemplo, pode ser feita sinteticamente – apesar de o processo ser caríssimo. O álcool (etanol) também pode ser laboratório. Só que, além de ser mais barato, o processo de fermentação de açúcares por leveduras rende subprodutos que fazem toda a diferença entre um a cerveja e um saquê, por exemplo, (pag. 16).

As drogas semissintéticas, drogas produzidas em laboratório a partir da modificação de uma molécula obtida naturalmente, como por exemplo, o LSD, sintetizada pela primeira vez em 1953 por Albert Hoffman, que na verdade adicionou “coisas diferentes” ao princípio

psicoativo do cogumelo ergot, conhecido por seu fortíssimo efeito alucinógeno. Como também, é o caso da heroína, produzida através da modificação de uma molécula natural da morfina.

Sobre os efeitos causados pelas drogas, podem ser classificadas em relação a sua ação do sistema nervoso central – SNC na percepção e no comportamento ocasionado. São classificados em: estimulantes<sup>1</sup>, depressoras<sup>2</sup> e perturbadoras<sup>3</sup>. Lembramos que dentre os vários efeitos que cada droga provoca, podem acontecer diferenças relativas a essa forma de classificação, tornando-as no decorrer histórico, em reações diferenciadas, dependendo do uso que se faz dela, variando esse uso entre recreativo, medicinal e religioso.

### **Drogas – práticas educativas e culturais na atualidade**

O uso de drogas não ocorre de maneira involuntária nem tão pouco isolada. As drogas sempre foram associadas à cultura. Isso é percebido nas características arraigadas historicamente no seio da sociedade e disseminadas por meio de grupos e classes culturais e sociais onde o indivíduo está inserido. Dentre as características estão a hedonismo e o consumismo que estão estritamente ligadas aos diferentes modos, maneiras e estilos de uso destas substâncias também na atualidade.

**Hedonismo:** é uma corrente filosófica e refere-se a algo que culturalmente foi introduzido no meio social com a finalidade de disseminar a ideia, de que o prazer é o caminho certo para atingir a felicidade. A sensação de alegria, conforto e prazer instantâneo que as drogas provocam projeta nos jovens e adultos a ideia de falsa liberdade deixando-os propícios a praticar o uso destas substâncias de modo descontrolado, levando-os ao vício.

---

<sup>1</sup> As estimulantes são as que aceleram o seu funcionamento. Os efeitos mais comuns são a diminuição do sono e do apetite e o aumento do estado de alerta, da pressão sanguínea e da ansiedade. Algumas chegam a aumentar a temperatura corporal ou têm efeitos específicos, como deixar as pessoas mais falantes – caso da cocaína. Anfetaminas, nicotina e cafeína são outros exemplos de drogas desse tipo (Araújo, 2012).

<sup>2</sup> As depressoras, como o nome sugere, reduzem a atividade cerebral e deixam, em geral, as pessoas sonolentas. Algumas dessas substâncias também têm efeito analgésico, porque diminuem mais intensamente o trabalho de neurônios envolvidos com o processamento da dor. Alcool, benzodiazepínicos, barbitúricos, substâncias inalantes e todas as drogas opioides são depressoras. Um detalhe importante: depressor não é a mesma coisa que depressivo, isto é, aquilo que causa o (Araújo, 2012).

<sup>3</sup> As drogas perturbadoras são aquelas que, mais do que aumentar ou diminuir a atividade do sistema nervoso central, mudam a maneira de ele trabalhar. Ou seja, seu efeito é menos quantitativo e mais qualitativo. Ao mudar a maneira como nosso cérebro trabalha, elas causam delírios, ilusões ou alucinações. Maconha, LSD e diversas plantas alucinógenas são incluídos nessa categoria (Araújo 2012).

**Consumismo:** é uma compulsão que leva o indivíduo a comprar de forma ilimitada e sem necessidade bens, mercadorias e/ou serviços. O mundo no qual habitamos é conhecido como “sociedade de consumo”. A mídia tem grande influência sobre o consumo diário da sociedade, uma espécie de alienação, de ordem imposta sobre a criança e do adolescente a conhecimentos, acontecimentos e informações que há alguns tempos atrás eram direcionadas apenas a adultos, Assim, fazendo-as perderem a inocência, prejudicando sua condição de infância e adolescência e deixando-as prisioneiras do consumo. E, em uma sociedade que preza este conceito, o do consumo excessivo, com as drogas, esta relação não poderia ser diferente.

Muito se tem feito para combater o uso de drogas, isso principalmente quando se fala no uso dessas substâncias por jovens. São programas, projetos e coordenadorias que têm o apoio, tanto da esfera Federal, como da Estadual e da Municipal. Dentre estes, podemos citar alguns como: “Coordenação de Políticas de Prevenção Atenção e Reinserção Social de Usuários de Crack, Álcool e outras Drogas”; “Crack, é possível vencer”; “Cartão recomeço”; “Enfrentamento ao Crack e outras Drogas”; “Política Pública sobre Drogas”; “Prevenção de Uso e/ou Abuso de Drogas”; “Prevenção é ação”; além de diversas outras políticas públicas e coordenadorias criados para esse fim.

Esse trabalho de combate destas práticas não se restringe apenas à área da saúde, ao judiciário e à assistência social. A educação, no âmbito escolar e familiar, tem fundamental papel a desempenhar. É preciso que a sociedade, por meio de ações culturais e educativas, junte forças no sentido desenvolver estratégias de resgate e prevenção ao uso de drogas por parte de crianças e adolescentes. Percebe-se que muitos programas tem seu foco de atuação na recuperação dos dependentes, estando às ações preventivas em segundo plano. É de suma importância um maior investimento das verbas públicas na prevenção desses jovens através de programa de prevenção destas práticas.

## **EDUCAÇÃO INFORMAL – PRÁTICAS EDUCATIVAS E CULTURAIS**

Existe várias maneiras de se pensar e realizar a educação, a partir de sua história e memória, seja ela formal, informal ou não-formal envolve práticas educativas como afirma Libâneo (2004), que é o que propõe epistemologias próprias a cada perspectiva histórica em educação. Para se compreender a educação dentro de uma abordagem integradora, crítica e transformadora é preciso compreender seus percursos e diversidade histórica.

Na educação informal, não há currículos a seguir e nem lugar. O conhecimento é partilha pela interação sociocultural que tem, como única condição necessária e suficiente para quem queira ou precise saber. Nela, ensino e aprendizagem ocorrem espontaneamente, sem que, na maioria das vezes, os próprios participantes do processo deles tenham consciência

O homem é característico pelas representações do mundo através da sua linguagem, inicialmente reconhecida por um sistema de signos e posteriormente pelo reflexo da experiência na linguagem real com conteúdo e sentido representativo das coisas. Para Saussure (2004), o pai da linguística, signo lingüístico é a união do conceito (significado) com a imagem acústica (significante). É extremamente importante buscar os segmentos teóricos em Foucault (2009) onde o autor analisa a linguagem de forma arqueológica no período dos séculos XVII, XVIII e XIX, quando a linguagem é objeto de conhecimento e descoberta naquilo que ela quer dizer através do discurso manifesto da linguagem em ser bruto, possibilitando-nos a fazer uso da palavra como ato de dizer sem limites. Ressaltando importantes conceitos sobre a teoria do discurso de Michel Foucault, interligados aos conceitos de práticas educativas.

A forma de ver e ler o mundo são distintas de acordo com cada cultura. Para Pais (2003), existem formas diferentes de olhar as juventudes e podem agrupar-se em teorias dentro de duas principais correntes: a corrente geracional e a corrente classista, proporcionando ao pesquisador a conveniência de acordo com o curso da investigação, aflorar alguma delas.

Nosso questionamos é enviesado por reflexões e críticas nas leituras sobre cultura, enquanto práticas para a liberdade e na problematização dos paradigmas civilizatórios de nossa cultura, além das verdades e mitos que envolvem os usuários de drogas é o propósito filosófico/basilar de nosso trabalho.

De acordo com a realidade sociocultural vivenciado nas sociedades modernas. Outras dimensões vão surgindo<sup>4</sup>. Hall (2006), fala sobre a “assim chamada crise de identidade”, que afeta no indivíduo pontes de referências estáveis no mundo social. Fragmentando as relações culturais de classe, raça, gênero, sexualidade, etnia e nacionalidade que antes estabeleciam fortes localizações enquanto indivíduos sociais, provocando crises de identidade no meio social.

---

<sup>4</sup> Segundo Hall (2006, p.14) As sociedades modernas são, portanto, por definição, sociedades de mudança constante, rápida ou permanente. Esta é a principal distinção entre as sociedades “tradicionais” e as “modernas”.

Questionamentos como: que acontecimentos recentes nas sociedades modernas precipitam essa crise? Que formas ela toma? Quais são suas consequências potenciais? São importantes para o entendimento dessa “crise de identidade”. Questionamentos do próprio conceito de "identidade" é demasiadamente complexo, por ser pouco compreendida na ciência social contemporânea. Todo esse processo segundo o autor cria o sujeito pós-moderno definido como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente, transformando-se constantemente de acordo com os sistemas culturais que estão envolvidos socialmente. Assim, Hall define essas transformações da seguinte forma:

É definida historicamente, e não biologicamente. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas (HALL, 2006, p. 13).

Mesmo não sendo considerada como tal, toda as atividades humanas podem ser consideradas cultura, Afirma Certeau (1990), pois para a existência de cultura, não basta ser autor das práticas sociais, é necessário que essas práticas tenham um sentido para aquele que as esteja realizando. O autor considera a legitimidade dos saberes e valores de práticas subterrâneas, como prática cultural de forma que vão modificam os objetos e os códigos, abrindo caminhos nas imposições das políticas culturais relativos às situações estabelecidas pela sociedade e suas relações de força e poder.

## **DISCUSSÃO**

Percebemos nesse trabalho, que estas práticas educativas estão diretamente ligadas ao convívio familiar e escolar. Segundo Tiba (2003, p. 208) “A escola tem por obrigação capacitar-se para enfrentar o maior mal evitável do século, as drogas. Queira ou não, seus alunos vão entrar em contato com as drogas”. Desse forma, se faz necessário a junção da família e da escola, além do apoio do Estado trabalhando com um tripé de combate ao uso de drogas, visto que é no âmbito destas duas instâncias (família e escola) que se encontra o maior contingente de jovens (crianças e adolescentes).

No estado do Ceará foram executados alguns programas que tem como base o assunto aqui discutido. Podemos citar alguns, a saber: “Projeto Viva +”, que tem por finalidade a

execução de atividades culturais, esportivas e de lazer a fim de atingir o público jovem e adulto em vulnerabilidade social e pessoal, é um projeto desenvolvido por meio da Secretaria de Esportes do Estado do Ceará. O “Projeto Prevenção é Ação”, este, de iniciativa privada em conjunto com o poder público, visa à prevenção primária do uso indevido de drogas nas escolas públicas de alguns municípios do estado. O “Programa Mais Educação”, desenvolvido pelo Governo Federal, no entanto, acatado pela maioria dos municípios brasileiros. Esse programa é estritamente ligado ao aumento da oferta educativa por parte das escolas públicas tendo como base a oferta de atividades extra-sala relacionadas ao meio ambiente, esporte e lazer, direitos humanos, cultura e artes, cultura digital, prevenção e promoção da saúde, entre outros.

Estas são alguns programas como base a prevenção do uso das drogas que é hoje o maior desafio social. Em contrapartida, outras tantas são desenvolvidas visando à recuperação dos indivíduos viciados, tais como: projeto/ação “Manutenção das unidades da Proteção Social Especial Medidas Socioeducativas Jovens usuários de substâncias psicoativas”; Os “Centros Regionais de Referência”, que atende usuários de crack e outras drogas; “Crack, é Possível Vencer” que possibilita a criação de “ações para aumentar a oferta de tratamento de saúde e atenção aos usuários de drogas.

Dentre os objetivos abordados neste artigo temos o de conhecer as implicações socioculturais em torno de um olhar antropológico como perspectiva fundamental, para uma melhor compreensão a cerca de fenômenos e objetos relativos as discussões que envolvem a educação informal na atualidade.

Após o exposto, mediante a reflexão acima se percebe que estas vêm reafirmar aquilo que já foi explicitado. O foco dos recursos públicos está em sua grande maioria na recuperação e não na prevenção. Todo e qualquer recurso não basta se não for bem distribuído, planejado e investido. A efetivação dar-se-ia no “casamento” desses dois tipos de políticas, prevenção e recuperação. Visto que não há funcionalidade de uma se não estiver aliada outra. A recuperação deve está para a prevenção assim como a prevenção deve está a eliminação.

Buscando compreender a complexidade de ideias, sentimentos e atitudes dos indivíduos, dentro dos espaços sociais e na diversidade cultural, social e educacional. Percebemos nos pressupostos teóricos apresentados as relações que fundamentam os preconceitos e estigmas sociais de violência, Além de conhecer e analisar os sistemas e

estruturas de pensamento que estabelecem a exclusão dos não privilegiados e as formas de dominação imputada à falta de oportunidades, reproduzida nas relações sociais de produção da sociedade capitalista e no sistema de educação brasileira.

Enquanto caminhar na esteira da antropologia da educação, temos a etnografia e mais especificamente prática etnográfica na representação de uma análise antropológica como forma de conhecimento não sistematizado.

Ao se realizar a etnografia, praticamos na verdade, é o esforço de ler, incoerências, comentários tendenciosos e preconceitos de comportamentos modelados culturalmente na sociedade contemporânea.

## **REFERÊNCIAS**

- ARAÚJO, T. Almanaque das drogas. São Paulo: Editora Leya, 2012.
- CERTEAU, M. A invenção do cotidiano. 3ª Ed. Petrópolis: Vozes, 1990.
- FOUCAULT, Michel. A Arqueologia do Saber. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.
- LIBÂNEO, J. C. Democratização da escola pública: a pedagogia crítico-social dos conteúdos. 16ª ed. São Paulo: Loyola, 1999.
- PAIS, M. Culturas juvenis. 2ª ed., Lisboa: Imprensa Universitária/casa da Moeda, 2003.
- SAUSSURE, Ferdinand de. Curso de linguística geral. 26. Edição. São Paulo: Cultrix, 2004.
- STUART, Hall. A identidade cultural na pós-modernidade. Tomaz Tadeu Silva e Guaracira Lopes Louro (tradução). 11ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- TIBA, Içami. Anjos Caídos. 14º ed. São Paulo: Editora Gente, 2003.